

A afirmação e as cisões do neo-realismo em quatro revistas

Do número único nunca distribuído dos *Cadernos da Juventude* e da efémera *Altitude* até à *Sol Nascente* e à mais heterodoxa *Ler*, o portal Revistas de Ideias e Cultura pôs *online* algumas publicações que lançaram e enquadraram o movimento

Luís Miguel Queirós

Depois de ter disponibilizado algumas das principais publicações periódicas ligadas ao anarquismo ou aos movimentos da Renascença Portuguesa e do primeiro modernismo, o portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC), um projecto do Seminário Livre de História das Ideias desenvolvido no âmbito do Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, disponibiliza agora quatro títulos fundamentais para a história do neo-realismo e da inscrição da cultura marxista em Portugal.

Contando desta vez com a colaboração do Museu do Neo-Realismo, a par das parcerias permanentes com a Fundação Mário Soares e a Biblioteca Nacional, o RIC (<http://www.ric.slihi.pt>) acaba de colocar em rede quatro revistas que, no seu conjunto, marcam quer as primeiras tentativas estruturadas de propagar as principais coordenadas do neo-realismo, quer a progressiva afirmação da ortodoxia doutrinária do movimento, quer ainda as violentas polémicas externas e internas que cedo sugerem a existência, no plano da arte e da cultura, de vários neo-realismos nem sempre fáceis de conciliar.

Com estas quatro publicações, o RIC conta já com 25 revistas integralmente digitalizadas, cada uma delas dispondo de um *site* autónomo no interior do portal, incluindo publicações tão relevantes e tão gigantesas como *A Águia* (1910-1932), a *Seara Nova* (1921-1984) ou *O Tempo e o Modo* (1963-1984), revistas que se tornaram marcos da história literária do século XX, como *Orpheu* ou *Contemporânea*, ou ainda outras dedicadas a tópicos muito diversos, mas que contribuíram, todos eles, para mudar a paisagem cultural do século XX português: do anarquismo ao feminismo ou do cinema à arquitectura, disciplina já representada pela notável *A Construção Moderna*.

Muito longe de ser apenas um repositório digital em que os interessados podem folhear estas revistas no ecrã do seu computador – o que já não seria serviço de pouca monta, se pensarmos, por exemplo, que uma *Seara Nova* teve 1604 números –, o RIC é também uma sofisticada base de dados, consultável através de uma extensa série de índices (autores, conceitos, nomes geográficos, assuntos, obras citadas, entre outros) que as buscas podem ir cru-

Estas revistas marcam os primeiros esforços para propagar as coordenadas do movimento e as polémicas que cedo sugerem a existência de vários neo-realismos

zando à medida das suas conveniências. Todas as publicações são ainda apresentadas no seu contexto histórico e os respectivos *sites* incluem manifestos, correspondência, separatas e outra documentação seleccionada, e muitas vezes inédita, além de antologias de textos críticos e de estudos reproduzidos na íntegra.

Sessenta pseudónimos

Se o leitor abrir o *site* de qualquer uma das quatro revistas agora acrescentadas, encontra na barra de navegação um “Magasin”, palavra que lembra “magazine” (um tipo de revista), mas que aqui se refere ao termo francês que designa uma loja ou armazém onde se vende um pou-

co de tudo. É neste “magazine” que se encontra uma ecléctica documentação que ajuda a perceber em que contexto surgiu cada revista, que propósitos almejou, quem eram os seus protagonistas, ou ainda que leituras foi suscitando em estudiosos de diferentes gerações. O coordenador do projecto, Luís Andrade, professor da Universidade Nova, acredita que “a recolha documental e de estudos” que acompanha estas quatro publicações neo-realistas é “a mais completa” hoje disponível na Internet acerca de “um movimento que marcou a cultura e a política portuguesas durante quatro décadas”.

E há duas outras secções habituais do portal que ganham também particular importância no contexto do neo-realismo: a das polémicas e a dos pseudónimos. “Atribuímos mais de 60 pseudónimos ao respectivo ortónimo”, diz Luís Andrade, explicando que alguns autores chegavam a ter cinco ou seis, como foi o caso de Fernando Pinto Loureiro, um importante intelectual comunista que se mudou para o campo salazarista após ter sido preso em 1949. Sem este trabalho de descobrir os autores por trás dos seus nomes fictícios, usados quer por razões de segurança, quer para sugerir equipas de colaboradores mais extensas, “não seria possível”, observa Luís Andrade, “identificar esta geração”. E recorda a tirada de Eduardo Lourenço no seu livro sobre a poesia neo-realista, quando este nota, não sem ironia, que “uma geração é bem pouca gente”.

Tanto a *Sol Nascente* como a *Ler* foram também cenário de várias polémicas. Só na primeira, o respectivo *site* identifica seis, entre as quais se destacam a ácida controvérsia que opôs o cientista e pintor Abel Salazar, figura central da primeira fase da revista, a António Sérgio, que o acusava de falta de rigor na vulgarização científica e filosófica, o debate entre





FOTOS: DR

o crítico presencista João Gaspar Simões e Rodrigo Soares (pseudónimo do já referido Pinto Loureiro), que defendia “um novo humanismo” no qual a cultura não “virava as costas” aos “problemas da vida”, e a conhecida discussão entre Álvaro Cunhal e José Régio em torno da responsabilidade social do escritor, que corra em 1939 nas páginas da *Sea-ra Nova*, mas que a *Sol Nascente* parcialmente reproduziu.

Polémica interna

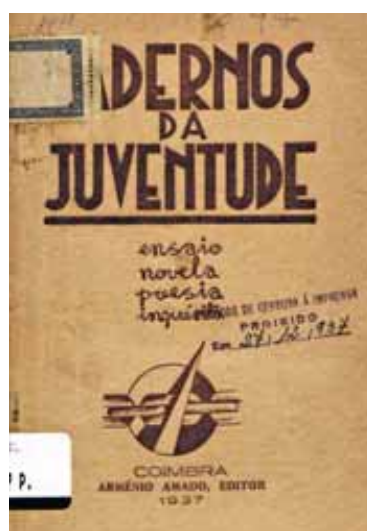
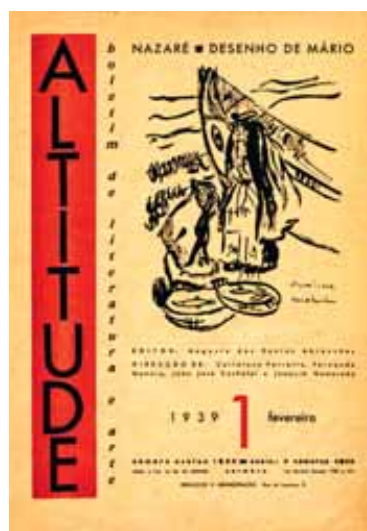
O 45.º e último número da revista saiu em 1940. Uma dúzia de anos depois, a clivagem entre os que defendiam o “primado do conteúdo”, uma arte expressamente combativa e orientada por critérios políticos, secundarizando a autonomia criativa, os propósitos estéticos e a valorização dos recursos oficiais, tinha já dividido o próprio campo neo-realista. Em Maio de 1952, António José Saraiva contribuía no segundo número da *Ler* para a chamada “polémica interna”, que depois transitou para as páginas da *Vértice*, opondo Saraiva e António Vale (pseudónimo de Álvaro Cunhal, que então dedicava parte do seu tempo de prisão a traduzir Shakespeare e a escrever o romance *Até Amanhã Camaradas*) a Mário Dionísio, João José Cochofel ou Fernando Lopes-Graça.

A par das diferenças de entendimento do papel da arte, a violência que a discussão assumiu explica-se também por razões de contexto geral, com o agudizar da Guerra Fria entre os blocos ocidental e soviético, o recuo da estratégia frentista do PCP após as eleições presidenciais de 1949, nas quais apoiara Norton de Matos, e a tentativa do partido de travar a influência de alguns dos seus dissidentes, e em particular de Fernando Piteira Santos (expulso em 1950 sob acusações de titismo), junto dos sectores culturais da oposição.

Ora, a *Ler*, criada por outro ex-militante comunista, Francisco Lyon de Castro, fundador das edições Europa-América, era co-dirigida por Piteira Santos e conseguira congregar alguns dos mais prestigiados autores comunistas, de Cochofel e Dionísio a Carlos de Oliveira, abrindo-se ainda esporadicamente a colaboradores conotados com o regime, como António Quadros, filho de António Ferro. Numa peça aqui digitalizada, o *Avante!* de Outubro de 1952 diz que a *Ler* “serve os objectivos do fascismo” e apela: “Lutemos contra a penetração ideológica americana!”

Neste óleo de Abel Salazar, um ardina distribui a *Sol Nascente*

À direita, primeiras páginas das 4 revistas agora disponíveis no portal Revistas de Ideias e Cultura, incluindo o exemplar de *Cadernos da Juventude* que foi lido e anotado pela Censura



O site mostra também digitalizações dos dactiloscritos originais das cartas, possivelmente nunca antes publicadas na íntegra, que o PCP enviou em 1952 a Dionísio e Cochofel, exortando-os a acatarem a disciplina partidária e a deixarem de colaborar na *Ler*. Em Outubro, o PCP informa Dionísio de que a sua persistência em apoiar a revista é “uma grave atitude de indisciplina” e expulsa-o formalmente do partido, num dos mais contestáveis episódios daquilo a que Pacheco Pereira chamou, num capítulo da sua biografia de Cunhal, “a purga dos intelectuais”.

As inevitáveis tensões criadas por um movimento literário cujo programa era essencialmente político vinham de trás, mas culminaram no início dos anos 50 e tiveram um dos seus focos principais na *Ler*, que começara por ser um boletim bibliográfico da Europa-América para se converter no jornal literário português mais lido da época, com tiragens que andavam pelos dez mil exemplares.

O exemplar do censor

Ao contrário da *Ler*, surgida como revista em Abril de 1952, as restantes três publicações agora reunidas datam do final dos anos 30. E se parecem, e são, objectos de natureza muito diferente, quer nos seus conteúdos, quer na sua duração, podem também ser vistas como dimensões complementares de um mesmo pro-

As inevitáveis tensões de um movimento literário cujo programa era essencialmente político culminaram no início dos anos 50 e tiveram um dos seus focos principais na *Ler*

jecto. A miscelânea de materiais sobre o neo-realismo que acompanha estas quatro revistas abre com uma curiosa carta enviada em 1939 por Jorge Domingues, um dos redactores principais do semanário *O Diabo*, ao jornalista, cinéfilo e ilustrador Manuel Azevedo, secretário da *Sol Nascente*, na qual o primeiro enuncia um verdadeiro programa: “*Sol Nascente* deve ser o manifesto jornalístico e de divulgação do pensamento filosófico da nossa geração (...), *Altitude*, a nossa revista literária, *Litoral* [um projecto que ficou pelo caminho], a nossa revista de alta cultura, *O Diabo*, o elemento congregador de todos os elementos.”

Altitude, de que só saíram dois números no primeiro semestre de 1939, feitos em casa de João José Cochofel, em Coimbra, veio de facto a caracterizar-se por privilegiar a criação e discussão estéticas, em detrimento de debates doutrinários. O próprio Cochofel, Mário Dionísio, Fernando Namora, Carlos de Oliveira ou António Ramos de Almeida foram alguns dos colaboradores, bem como o pintor Dominguez Alvarez, responsável pela capa do segundo número.

A história da *Sol Nascente* é mais complexa. Nasce no Porto, organizada por jovens universitários e de algum modo tutelada por Abel Salazar, o seu mais produtivo colaborador, funcionando inicialmente em casa de Lobão Vital e Virgínia Moura, e depois na de Manuel Azevedo. Várias cisões internas ainda mal aclaradas e eventuais problemas financeiros levam a que a redacção da revista transite para Coimbra, onde se tornará num órgão doutrinário neo-realista produzido por um grupo de intelectuais que inclui Cochofel, Joaquim Namorado, Armando Bacelar, Jofre Amaral ou Fernando Pinto Loureiro. Do Porto só Manuel Azevedo se muda para Coimbra, mantendo as suas funções. “A matriz da leitura do marxismo tal como ficará inscrito na cultura portuguesa firma-se nas páginas de *Sol Nascente*”, resume Luís Andrade ao PÚBLICO.

Com um só número que nunca chegou a ser distribuído, nem por isso é menor a importância de *Cadernos da Juventude*, na qual colaboraram Mário Dionísio, Manuel da Fonseca ou Políbio Gomes dos Santos, e cuja capa ostenta um desenho de Fernando Namora. O seu título, sugere o coordenador do RIC no texto de apresentação da revista, poderá ter sido inspirado pelos *Cahiers de la Jeunesse*, que o comunista Paul Nizan dirigia em França desde 1937.

Apreendida pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, antecessora da PIDE, a revista nunca circulou, e só se conhecia até hoje um único exemplar, conservado na Biblioteca Municipal de Coimbra. Mas a equipa do RIC localizou um segundo exemplar, que tem a particularidade de ser aquele que a Censura leu, anotou e proibiu, pelo que acaba por ser um documento duplamente relevante.

E a importância histórica desta revista apreendida fica bem sublinhada no que escreveu Joaquim Namorado (que nela colaborou com o pseudónimo Álvaro Bandeira) num apontamento manuscrito agora digitalizado: “É no prefácio de *Cadernos da Juventude*, impressos no fim de 37 mas que não chegaram às montras das livrarias, que as coordenadas do neo-realismo se apresentam pela primeira vez em bloco: a defesa de uma arte social, enraizada nas realidades nacionais, realista, anti-subjectivista e antinaturalista, cujo fundamento ideológico seria um racionalismo moderno”.